

CONVITE: ANALISANDO ORTOGRAFICAMENTE A ESCRITA DE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA

Julie Ane de Araújo Lemos¹
Valéria Karen Pereira Rodrigues²
Maria Gabriela Santos Alexandre³
Cilene Maria da Silva Frazão⁴

RESUMO

Ao realizar esta pesquisa, buscou-se investigar os “erros” ortográficos mais frequentes durante o processo de aquisição da escrita ortográfica. Para isto, um estudo teórico foi realizado a fim de fundamentar tal investigação, além de uma oficina para analisar de fato como está ocorrendo a construção da escrita ortográfica de educandos do 3º ano do Ensino Fundamental, sendo esta trabalhada por meio do gênero textual convite. Com isso, constatou-se que durante esse processo, alguns desvios são cometidos, não devendo estes serem vistos como erro, mas sim, como uma tentativa de acerto. Cabe ao professor estimular o senso crítico dos alunos contextualizando o uso social dos diferentes gêneros, planejando e desenvolvendo estratégias que favoreçam a apropriação plena da escrita.

Palavras-chave: Escrita ortográfica, “erros” ortográficos, convite, ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

A presente atividade de campo trata-se de uma investigação acerca da apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), limitando a discussão aos erros ortográficos e fonológicos, tendo como referência alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, até então, último ano do Ciclo de Alfabetização.

Assim, a referente pesquisa pretende a partir de atividades desenvolvidas com os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Dom Miguel Câmara, pôr em discussão os erros cometidos por alunos durante o processo de apropriação do SEA, expor brevemente os modos de classifica-los (ortográficos e fonológicos) e apresentar uma proposta de intervenção. Esta investigação justifica-se pela relevância do tema proposto, sendo um tópico ainda pouco discutido no âmbito da alfabetização e, no entanto, de grande importância,

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, integrante do Programa de Educação Tutorial e pesquisadora voluntária do Programa de Iniciação Científica, ICV, julie.18anee@gmail.com ;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, valeriakaren.vk@gmail.com;

³ Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, gabriela_alexandre15@hotmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, cilenefraza072@gmail.com.

uma vez que pode orientar a prática do professor-alfabetizador facilitando o processo de aprendizagem do alfabetizando, motivando este e tornando o referido processo prazeroso.

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo discutir acerca dos erros cometidos por alunos no processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética a partir de atividades desenvolvidas com alunos do 3º ano da Escola Municipal Dom Miguel Câmara, analisando a escrita destes na atividade realizada, atendo-se aos erros mais frequentes, e apresentar uma proposta de intervenção.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa foi necessário compreender a importância do desenvolvimento da escrita no educando, a qual é orientada sistematicamente pelo educador, assim como as tipologias textuais são necessariamente utilizadas no processo de alfabetização e no processo de construção da leitura e da escrita, estabelecendo a socialização dos conhecimentos acumulados pela sociedade.

Assim sendo, foi realizada uma oficina com os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental do turno vespertino, possuindo, em média, 8 anos de idade, na Escola Municipal Dom Miguel Câmara, localizada no bairro de Fátima, na cidade de Teresina, Piauí. A atividade iniciou-se pontualmente às 14 horas, horário previamente combinado com a professora titular da turma e a direção da instituição de ensino, com o objetivo de apresentar o gênero textual convite. Adentrando a sala, fomos recebidos pela professora, que nos acompanhou durante grande parte do processo, e pelos alunos de forma afetuosa.

A oficina ocorreu em dois momentos. O primeiro deles deu-se início com uma breve contação de história com a finalidade de contextualizar o gênero textual a ser apresentado. Dessa forma, foi contada a história da menina Sofia, que estava prestes a completar seus 4 anos de idade. Para sua festa de aniversário, Sofia gostaria de fazer um churrasco com seus amigos e sua família. A partir dessa breve história, os alunos foram questionados sobre os modos como a personagem poderia convidar seus amigos para seu churrasco de aniversário. Desse modo, juntamente com os alunos, as professoras em formação puderam construir a função social do convite, para que ele serve e em que momentos pode ser usado.

Após a história ser contada e explicação da função social do convite, as graduandas do curso de Pedagogia deram continuidade com a apresentação da estrutura do convite, apresentando alguns exemplos. Nesse momento, houve participação intensa dos alunos, que

demonstraram conhecimentos acerca da estrutura desse gênero textual. Assim, enquanto os alunos citavam, com entusiasmo, os itens que constituem um convite, a saber, remetente, saudação, horário, local, data e destinatário, as professoras em formação os listavam no quadro branco.

Após a apresentação da sua estrutura, deu-se início a segunda etapa da oficina, onde foi proposto aos alunos realizarem uma produção textual individualmente, a partir do gênero textual apresentado anteriormente. O tema central da proposta foi Festa Junina, por se tratar de uma comemoração local realizada no mês de junho, mês em que a oficina foi efetuada. Foi entregue para cada educando um papel para produzir seu convite com o auxílio das pedagogas em formação.

Alguns alunos apresentaram dúvidas durante a atividade quanto à estrutura do convite, apesar de esta estar listada e exemplificada no quadro branco, onde foi necessária a intervenção das pesquisadoras presentes, realizando questionamentos, levando os alunos a refletirem acerca daquilo que foi trabalho anteriormente, a fim de que chegassem à resposta de suas questões.

Na etapa final desta investigação, as produções escritas dos alunos foram analisadas a fim de serem identificados os erros mais recorrentes, elegendo duas produções que abrangessem estes erros. Por fim, através de bibliografia estudada, foi realizada análise sistemática dos erros identificados, classificando-os de acordo com embasamento teórico consultado.

ORTOGRAFIA: UMA QUESTÃO A SER DISCUTIDA

A escrita correta das palavras é um critério a ser considerado quando se observa a qualidade de um texto, contudo, segundo Morais (2006) os erros ortográficos se transformam em formas de censura e discriminação no ambiente escolar e fora dele, isso, pois, os professores acabam por resumir a qualidade das produções de seus alunos à ortografia correta, ignorando o conteúdo e assim criando o medo de errar que pode durar até a vida adulta.

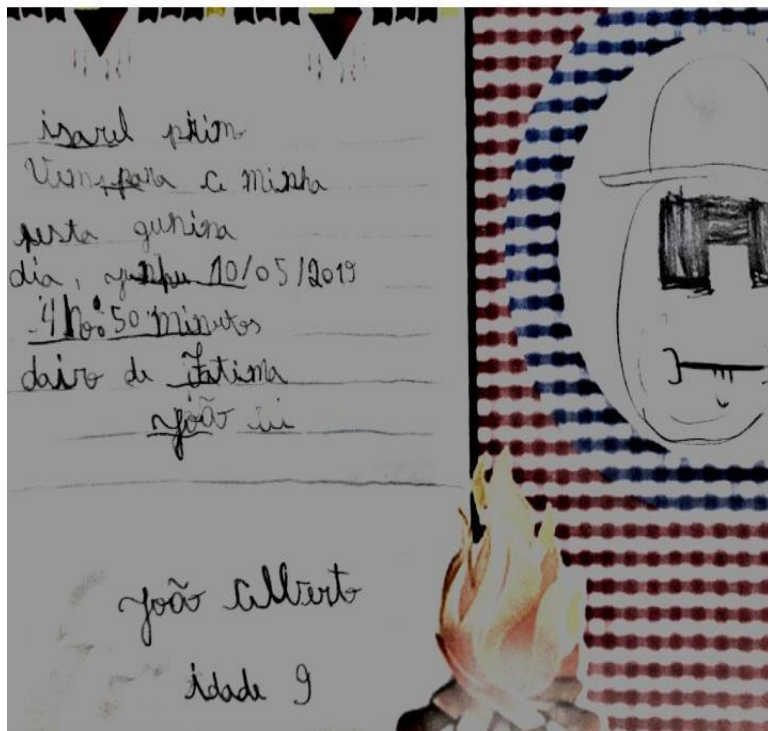
Para que seja possível que os educandos superem os erros da escrita e tornem-se capazes de refletir sobre o que escrevem, é necessário que o educador tenha conhecimento sobre as possíveis dificuldades que os alunos podem passar e, assim, auxilia-los em suas novas descobertas.

Quando se trata dos erros da escrita, Varella (2004) traz uma divisão em erros fonológicos e erros ortográficos, sendo o primeiro relacionado ao sistema da língua oral em que a criança ao aprender a falar tende a simplificar, substituir e acrescentar ou retirar sons das palavras e isto se repete quando ela inicia a escrita, podendo ser superado pela orientação do professor ao refletir sobre a língua com o educando. O segundo tipo de erro se refere a transgressões da norma, ou seja, quando a criança escreve as palavras diferentes do que está convencionado na língua. Este tipo de erro se classifica em puramente convencionais, hipercorreção, transcrição da fala e segmentação.

Nos erros puramente convencionais “ocorre alteração no símbolo gráfico, permanecendo o som [...]. O aluno usa o símbolo que conhece, não podendo ser considerado absurdo” (VARELLA, 2004), sendo possível permanecer ao longo da vida escolar, pois exige a memorização das normas convencionadas da língua. A hipercorreção, por sua vez, acontece quando o educando internaliza certas regras ortográficas e as aplica de forma generalizada em outras palavras, por exemplo, ao utilizar o “l” todas as vezes que ouvir o som “u”.

No caso da transcrição da fala, a autora esclarece que o dialeto e traços da pronúncia do educando proporcionam erros de natureza fonética, onde ele escreve de acordo com o som que ouve de cada palavra. E por fim, os erros de segmentação se classificam em hiposegmentação, onde o aluno escreve em apenas uma corrente sonora, unindo as palavras de forma inadequada e hiper-segmentação quando há a separação indevida das palavras, repartindo sons já conhecidos dentro das mesmas, “por exemplo ‘era’ > ‘é ra’. A sílaba ‘é’ já é conhecida e significativa” (VARELLA, 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÕES



Isarel prim

Vem para a minha festa gunina

dia, junhu 10/05/2019

4h:50 Minutos

Dairo de Fatima

João al

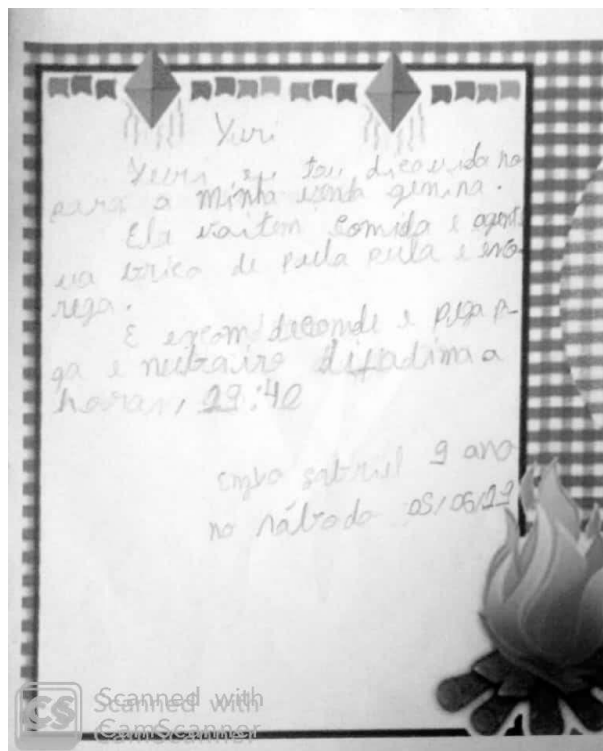
João Alberto

Idade 9

Ao analisar a produção escrita do aluno 1 foram identificados, dentre outros, erros ortográficos e fonológicos, aos quais podem ser classificados como transcrição da fala e hipercorreção.

Ao escrever a palavra “junhu”, o aluno efetuou a alteração do símbolo gráfico: “junhu” > “junho”. Este erro de ordem fonética classifica-se enquanto transcrição da fala, pois, observou-se a proximidade da escrita com a pronúncia da palavra, numa tentativa do educando de representar a fala de forma literal e fidedigna.

Foi percebido, também, alteração do símbolo gráfico na palavra “gunina” > “junina”. Na análise deste erro, não foram identificadas semelhanças fonológicas entre as consoantes G e J, impedindo que este erro seja classificado enquanto de natureza fonética. Neste caso, classificou-se este erro como hipercorreção, concluindo que o aluno internalizou a regra que dita que em determinadas palavras cujo fonema correspondente ao grafema J é grafado com a consoante G. Assim, em sua produção escrita, o educando aplicou esta regra ortográfica, generalizando-a.



Yuri

Yuri eu tou dicovida no para a
minha vesta genina.

Ela vaitem comida e agente va
brica de pula pula e escorrega.

E escom decomde e pega pega
e nubairo difadima a horas 19:40

Enzvo Gabriel 9 ano

No sábado 05/06/19

Na análise da escrita do aluno 2, ressaltaram-se erros ortográficos e fonológicos classificados como hipo-segmentação e transcrição da fala, tendo este último já sido identificado na análise do convite anterior.

Dentre os erros percebidos, destacou-se a grafia “tou” > “estou”, o qual pode ser classificado enquanto transcrição da fala. Diferente do convite anterior, este erro de natureza fonética não buscou reproduzir graficamente e de forma fidedigna a pronúncia de determinada fala, mas objetivou grafar palavras provindas de seu dialeto, escrevendo do modo como fala no cotidiano, no contexto informal.

Dentre os erros mais recorrentes em todas as produções escritas dos alunos pesquisados, ressaltaram-se os erros de hipo-segmentação, no qual o aluno une palavras de forma inadequada. Para ilustrar esta inadequação, pode-se citar as grafias “vaitem” > “va iter”; “nubairo” > “no bairro”; “difadima” > “de Fátima”.

Algumas dificuldades ortográficas fazem parte da evolução normal do processo de apropriação da escrita como meio de comunicação. Neste sentido, os “erros”, ou seja, as disortografias, são vistas sob uma perspectiva evolutiva. Na medida em que as crianças praticam a escrita, vão tendo oportunidade de aprender e reter as regras ortográficas de nossa língua.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Com base na análise das produções textuais apresentadas, verificou-se que os “erros” mais frequentes cometidos pelos educandos foi a transcrição da fala e a hipo-segmentação. Sendo assim, faz-se necessário que o educador disponibilize atos corretivos contextualizados, conscientes e mais eficientes para aperfeiçoar essa escrita visando saná-las ou minimizá-las.

Cabe ao professor abrir espaço para o desenvolvimento de uma reflexão crítica a cerca de tais produções, bem como utilizar métodos corretivos concomitantes ao desenvolvimento escolar dos alunos. Portanto, o educador deve utilizar estratégias para intervir na construção da escrita de seus alunos, possuindo assim, papel mediador durante esse processo.

Logo em seguida a correção do gênero proposto, o professor deve propor a correção em conjunto de um dos textos produzidos, devendo este conter os “erros” mais semelhantes aos demais. Também o educador pode colher nas produções dos educandos as palavras em que houve a troca de letras por aquelas que possuem som parecido, podendo citar o exemplo “gunina”, em que um estudante pretendia grafar “junina” e, assim, posteriormente fazer um ditado de palavras e por fim disponibilizar aos alunos dicionários para que estes verifiquem se grafaram corretamente, sem deixar de explicitar o modo como se utiliza o mesmo. Dessa forma, será desenvolvida contínua reflexão e revisão do aluno acerca das suas produções textuais.

No que se refere à hipo-segmentação, o educador pode colher uma das produções dos educandos sem fazer referência a quem o produziu e exercer as correções necessárias para que esta se enquadre as normas estabelecidas. Posteriormente os alunos o checarão para fazer comparação com as suas hipóteses levantadas. Em seguida, divide a turma em duplas para que assim estes possam trabalhar em conjunto e então apresenta o texto escolhido conforme o educando o escreveu. O educador deve questioná-los acerca do que pode ser feito para separar as palavras e assim lança o desafio de separar os termos. As duplas dialogarão e chegarão a um acordo acerca da divisão das palavras, é fundamental que o professor monitorize esse processo e questione os educandos quando necessário. Por fim, o educador analisa e dialoga com os alunos as produções efetuadas e checa coletivamente com o texto fonte para verificar se as hipóteses levantadas estavam de acordo com ele.

O educador também pode promover situações que envolvam leituras de diferentes textos que façam parte do cotidiano dos educandos a fim de que estes se familiarizem com a maneira a qual as palavras são grafadas. Desse modo, em contato contínuo com a leitura e a

escrita, bem como da reflexão acerca das produções realizadas em sala de aula, os problemas de transcrição da fala e hipo-segmentação desaparecerão aos poucos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar, os erros na escrita durante o processo de alfabetização podem ser utilizados para se entender as várias formas de escrita que se obtém durante o processo de todo educando, assim como para verificar e identificar as dificuldades encontradas durante o ensino-aprendizagem a fim de saná-las. Dessa forma, o educando por ser um ser social, está inserido em uma realidade coletiva, na qual a interação constrói a sua variação linguística de acordo com o meio econômico, social, regional e político.

Durante a pesquisa foram identificados os erros ortográficos mais comuns dentre as produções escritas de alunos do 3º ano Ensino Fundamental da Escola Municipal Dom Miguel Câmara. Estes erros foram analisados e classificados, de acordo com o referencial teórico apresentado, enquanto ortográficos e fonológicos. Dentre os erros percebidos, destacaram-se os que se classificam como hipo-segmentação, transcrição da fala e hipercorreção.

A quantidade de erros pode ser analisada como algo comum no percurso de letramento durante esse período de aprendizagem. O educando, por estar inserido em um meio social, carrega consigo uma bagagem cultural diversa, o que influi em seu dialeto e interfere diretamente em sua escrita, justificando o “erro” de transcrição da fala. Ademais, por se tratar de um sistema de escrita complexo, no processo de apreensão do SEA, é comum que o educando formule hipóteses e cometa “erros” ortográficos e fonológicos, pois não há regras exatas estabelecidas para a escrita correta de todas as palavras desta língua.

Dessa forma, é importante que o educador compreenda a complexidade deste processo e as individualidades de cada aluno que podem vir a intervir (e certamente intervirão) no desenvolvimento de sua aquisição do SEA. Compreendendo estas questões e admitindo o erro como uma possibilidade de aprendizado, o alfabetizador deve estimular a produção de gêneros textuais de acordo com as regras ortográficas, sem discriminar as variações linguísticas dos educandos, formulando estratégias e métodos que facilitem o desenvolvimento das habilidades do mesmo, esclarecendo, também, os momentos adequados de uso de seu dialeto oriundo do contexto social no qual está inserido, e o uso da gramática normativa, ensinando o educando a valorizar sua língua em todas as suas formas.

REFERÊNCIAS

MORAIS, Artur Gomes de. Ortografia: o que é? para que serve? por que ensiná-la?
In:_____. **Ortografia:** ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2006.

VARELLA, Noely Klein. **Um olhar sobre a escrita inicial do alfabetizando:
compreendendo as alterações gráficas. Leitira e escrita: temas para reflexão.** Porto
Alegre: Premier, 2004.